XI CONGRESO IBEROAMERICANO DE EXTENSION UNIVERSITARIA
INTEGRACION, EXTENSION, DOCENCIA E INVESTIGACION PARA LA INCLUSION Y COHESION SOCIAL
22 AL 25 NOVIEMBRE DE 2011 SANTA FE ARGENTINA
UNL

I ENCUENTRO DE MUSEOS UNIVERSITARIOS DE IBEROAMERICA
II ENCUENTRO DE MUSEOS UNIVERSITARIOS DEL MERCOSUR
23, 24 y 25 de noviembre de 2011

TITULO: **ECOMUSEU ILHA GRANDE: ECOLOGIA DE SABERES**

EJE:

AUTORES:

Gelsom Rozentino de Almeida
Doutor em História (UFF, 2000)
Procientista FAPERJ/UERJ
Professor Adjunto do PPGHS – Programa de Pós-Graduação em História Social – UERJ
Coordenador do Museu do Cárcere – Ecomuseu Ilha Grande - UERJ

Ricardo Gomes Lima
Doutor em Artes
Professor Adjunto do PPGAS
Diretor do Ecomuseu Ilha Grande – UERJ
Diretor do Departamento Cultural – Sub Reitoria de Extensão - UERJ

REFERENCIA INSTITUCIONAL:

UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CONTACTOS:

ecomuseu.ilhagrande@gmail.com

RESUMEN

O Ecomuseu Ilha Grande, museo de la Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), en Brasil, tiene como principal objetivo la implementación de acciones de investigación, conservación y comunicación de temas relacionados con el medio ambiente, la historia y la vida socio-cultural de la isla. El Museo tiene como propósito desarrollar todo su potencial como catalizador en distintos campos del conocimiento, tanto dentro como fuera de la universidad, así como la articulación de estos campos a través de diferentes programas de postgrado en la UERJ y sus investigadores. El carácter multidisciplinario y su alcance

evidente para el uso de equipos multi-usuario reafirma sus intereses institucionales y los retos a lo largo del Río de la sociedad, reafirmando su papel como universidad pública en el estado de Río de Janeiro.

Anunciada como la tercera isla más grande del país, con una extensión que mide 193 kilometros ², la Isla Grande es considerada un santuario ecológico. Que alberga hermosas playas, cascadas, montañas, exuberante vegetación de la Mata Atlántica, una población nativa allí y arraigada desde hace siglos, situado entre dos grandes ciudades, Río de Janeiro y Sao Paulo, recibe anualmente una gran afluencia de turistas nacionales y extranjeros.

El concepto contemporáneo de ecomuseo sigue los actuales paradigmas científicos y filosóficos a diferencia de la tradicional cartesiana. Dos aspectos principales deben respetarse en su diseño: los problemas ecológicos y la participación de la comunidad local, y la población donde se considera esencial para su formulación, implementación y mantenimiento.

Destinado a la investigación, conservación y comunicación de la memoria y la cultura de la Isla Grande, se ha creado, con sede en Vila Dois Rios, Ilha Grande Ecomuseo. Vila Dois Rios previamente adherido al sistema penitenciario brasileño, que se asentaron allí en 1894. Se sucedieron en las cárceles locales hasta que, finalmente, en 1993, el Código Penal Cândido Mendes ha sido desactivado. En abril de 1994 de la prisión se desplomó parcialmente.

Con la desactivación de las instalaciones penitenciarias, la Isla Grande se ha convertido en un importante centro turístico, como la proximidad a Río de Janeiro y Sao Paulo. La industria del turismo se ha convertido rápidamente en la base de la economía local, atrayendo a unos 120.000 visitantes al año. Esta afluencia, sin embargo, ha ocurrido rápidamente, y alteración del orden público, lo que resulta en graves amenazas para la conservación de la naturaleza, la historia y la cultura de la región.

Fue en este contexto que en 1994 el gobierno del estado de Río de Janeiro dio la Universidade del Estado de Río de Janeiro - UERJ, zonas anteriormente ocupadas por la Colonia Penal Cândido Mendes Penal y la Vila Dois Rios. En los últimos dos años, debido al aumento de las inversiones de la universidad y FAPERJ (Fundação Carlos Chagas de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) se están desarrollando varios proyectos que fomentan la conservación y promoción de los diversos aspectos de la memoria y el ecosistema , a través de las cuatro unidades básicas que conforman el Eco-museo: el **Museu do Cárcere (Museo del Presidio), el Museo de Medio Ambiente, el Parque Botánico y el Centro Multimedia**.

RESUMO

O Ecomuseu Ilha Grande, museu da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Brasil, tem como seu principal objetivo a realização de ações voltadas à investigação, preservação e comunicação de questões relacionadas ao meio ambiente, à história e à vida sociocultural da ilha. O Museu busca desenvolver sua potencialidade como catalisador de diferentes campos de conhecimento, de dentro e de fora da universidade, bem como a articulação desses diferentes campos através dos programas de pós-graduação da UERJ e seus pesquisadores. O seu evidente caráter multidisciplinar e o escopo multiusuário para a utilização de equipamentos reafirma o papel institucional junto aos interesses e desafios da

sociedade fluminense, reafirmando a sua função como universidade pública do Estado do Rio de Janeiro.

Tida como a terceira maior ilha do país, com extensão que mede 193 km², a Ilha Grande é considerada um santuário ecológico. Abriga belas praias, cachoeiras, montanhas, uma vasta vegetação de Mata Atlântica, uma população nativa ali radicada há séculos e, situada entre dois grandes centros urbanos, Rio de Janeiro e São Paulo, recebe anualmente grande fluxo de turistas nacionais e estrangeiros.

O conceito contemporâneo de ecomuseu segue os atuais paradigmas científico-filosóficos em oposição ao modelo tradicionalista cartesiano. Dois principais aspectos devem ser observados em sua concepção: a *preocupação ecológica* e a *participação da comunidade local*, sendo a população onde este se encontra considerada fundamental para sua formulação, execução e manutenção.

Voltado a pesquisa, preservação e comunicação da memória e da cultura da Ilha Grande, foi criado, com sede em Vila Dois Rios, o Ecomuseu Ilha Grande.

A Vila Dois Rios anteriormente integrou o sistema penitenciário brasileiro que ali se estabeleceu primeiramente em 1894. Sucessivas carceragens ocorreram no local até que, por último, em 1993, o Instituto Penal Cândido Mendes foi desativado. Em abril de 1994 o presídio foi parcialmente implodido.

Com a desativação das instalações carcerárias, a Ilha Grande tornou-se um importante pólo turístico, visto a proximidade com Rio de Janeiro e São Paulo. A atividade turística rapidamente se tornou a base da economia local, atraindo cerca de 120 mil visitantes por ano. Esse fluxo, porém, vem ocorrendo de forma acelerada e desordenada, o que resulta em graves ameaças à preservação da natureza, história e cultura da região.

Foi nesse contexto que, em 1994, o Governo do Estado do Rio de Janeiro concedeu à Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, as áreas anteriormente ocupadas pela Colônia Penal e Instituto Penal Cândido Mendes na Vila Dois Rios. Nos últimos dois anos, em decorrência de maiores investimentos da universidade e da FAPERJ (Fundação Carlos Chagas de Amparo a Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro) estão sendo desenvolvidos vários projetos promovendo a preservação e dinamização dos vários aspectos que envolvem a memória e o ecossistema da Ilha Grande, por intermédio das quatro unidades básicas que constituem o Ecomuseu: **Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente, Parque Botânico** e **Centro Multimídia**.

DESARROLLO

Apresentação

O Ecomuseu Ilha Grande tem como seu principal objetivo o desenvolvimento de atividades voltadas à preservação, investigação e comunicação de questões relacionadas ao meio ambiente, à história e à vida sociocultural da ilha. Através de diferentes projetos e ações

busca expressar sua potencialidade como catalisador de diferentes campos de conhecimento, de dentro e de fora da universidade, bem como de articulação desses diferentes campos através dos programas de pós-graduação da UERJ e seus pesquisadores. Seu evidente caráter multidisciplinar e o escopo multiusuário para a utilização dos equipamentos culturais sob sua responsabilidade reafirmam o papel institucional da universidade estadual e reforçam sua função junto aos interesses e desafios da sociedade fluminense.

Introdução

Localizada na Região Hidrográfica da Baía de Ilha Grande (RH-1), conhecida como Costa Verde, no município de Angra dos Reis, no sul do Estado do Rio de Janeiro (**figura 1**), a Ilha Grande[1] é considerada um santuário ecológico. Compreende em seus 193km² belas praias, cachoeiras, montanhas e uma vasta vegetação de Mata Atlântica. É a terceira em tamanho no país e a maior do Estado do Rio de Janeiro.

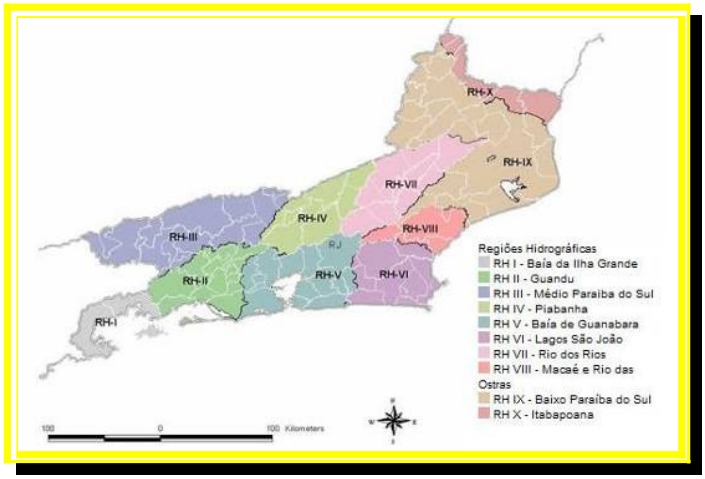

Figura 1. Mapa das regiões hidrográficas do Estado do Rio de Janeiro.
Fonte: Resolução CERHI-RJ nº 18, 2006.

De acordo com a Constituição Federal, a região da bacia hidrográfica da baía da Ilha Grande é patrimônio nacional, conforme dispõe o artigo 225, parágrafo 4º:

[1] *Ilha Grande - em língua íngua Tupi:* ***Ipaum Guaçu****.*

A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e a sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais.

Em virtude de sua riqueza natural a Ilha Grande é protegida por lei desde 1971, quando foi criado o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), de acordo com o Decreto Estadual nº. 15.273. Os Parques Estaduais são Unidades de Proteção Integral (UPI), que têm como objetivo básico a preservação da natureza, possibilitando em determinadas zonas ou áreas a realização de pesquisas científicas e em outras, atividades de educação ambiental e de recreação em contato com a natureza, sem prejuízo daquele objetivo básico.

Somando-se a essa medida legal, a Ilha contém outras unidades de preservação, como a Reserva Biológica da Ilha Grande, a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul, Área de Proteção Ambiental (APA) Tamoios e o Parque Marinho do Aventureiro.[2]

A partir de 2007, a Ilha Grande passou a ter um total de 87% de área preservada por legislação específica, sendo também parte integrante do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, conforme Lei Federal nº. 9.985 de 2000.

Além dos aspectos naturais, a Ilha Grande dispõe de registros materiais e imateriais de um vasto período histórico. Encontram-se em seu território evidências arqueológicas que atestam a presença de autóctones na ilha antes da chegada dos colonizadores europeus, seguidas de dados históricos que demonstram terem sido os Tamoio, cuja nação se estendia de Cabo Frio, no litoral norte do Estado do Rio, até as proximidades de Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, um dos primeiros povos a habitar esse local (ver **Figura 2**).

[2] Fonte: www.inea.rj.gov.br – acessado em junho de 2010.

Figura 2. Sítio lítico. Vila Dois Rios, 2010.
Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

No século 16, a Ilha foi importante centro de abastecimento de embarcações, utilizada para obtenção de água e alimento, tanto por portugueses, como por piratas e contrabandistas que a utilizaram para evitar a fiscalização. Durante os séculos 16 ao 19, foi destaque internacional registrando episódios de pirataria, tráfico de escravos e contrabando de mercadorias.

Os primeiros registros sobre as tentativas de colonização da Ilha Grande datam de 1591, sendo que a colonização efetiva iniciou-se entre 1725 e 1764. As lavouras de cana de açúcar e café são as principais atividades no período, com destaque à fazenda de plantação de café da Vila Dois Rios.

Somando-se às culturas canavieira e cafeeira, há também vestígios de outras atividades econômicas desenvolvidas no local, como a pesca, extração de madeira e fábricas de sardinha, além dos registros do lazareto e dos complexos penitenciários que existiram na Ilha durante um século de história (1894 -1994). Estas duas últimas ocupações contribuíram para o isolamento parcial da Ilha Grande.

A origem do presídio do **Lazareto** está no século XIX. No final do Império, já na década de 1880, com o rápido crescimento da imigração, o governo percebeu que era necessária a criação de um novo lazareto, ou seja, de um local para o isolamento de doentes portadores de doenças infecto-contagiosas. No caso, fundamentalmente a cólera. Técnicos do Império percorreram todo o litoral fluminense e paulista, e após inúmeros estudos, acabaram selecionando a Ilha Grande. Um local àquela época praticamente deserto, mas próximo de

Angra dos Reis a uma distância não muito grande do Rio de Janeiro e de São Paulo, principais destinos dos imigrantes. O local, portanto, fora escolhido devido à sua localização, mas também pela possibilidade de isolamento dos doentes.

Em 1884, o Império comprou, então, duas fazendas: a primeira, no lado voltado para o continente, se estendia da Praia Preta até o Abraão. A outra, voltada para o Oceano Atlântico, chamada de Dois Rios, ia da Praia de Santo Antônio até Parnaioca.

Naquele mesmo ano, começaram as obras de construção do Lazareto na primeira fazenda. Em dois anos, os edifícios foram entregues. Sua divisão interna assemelhava-se à dos navios de imigrantes: havia um pavilhão de primeira classe, um de segunda e outro de terceira. Os dois primeiros estavam situados a 500m da praia, enquanto que o último fora construído à beira-mar. No complexo, além dos dormitórios, também havia restaurantes, laboratório bacteriológico, enfermaria, farmácia e jardins.

A criação do Lazareto e sua constante lotação exigiram algumas obras complementares pouco após sua inauguração: já em 1889 foi necessária a construção de um aqueduto para trazer água das montanhas até o complexo. Dois anos depois, em decorrência do crescimento trazido pela instituição, a vila do Abraão foi elevada a distrito de Angra dos Reis.

O governo republicano logo passou a ter outros planos para o complexo da Ilha Grande. A primeira proposta a surgir foi a de transformar todo aquele local em um enorme orfanato, destinado aos filhos de imigrantes, de ex-escravos e da população pobre do Rio de Janeiro.

A idéia não vingou, mas rapidamente aquelas construções deixariam de ser apenas destinadas aos doentes. Em 1893, o Lazareto recebeu seus primeiros presos: os rebelados da Revolta da Armada. Gradativamente, o local passou a receber presos junto aos doentes, até que, em 1913, acabou sendo fechado.

Com a Revolução Constitucionalista em São Paulo, em 1932, Getúlio Vargas reabriu o Lazareto, mas desta vez apenas como prisão. Para o local, foram enviados os presos de guerra, entre eles o escritor Orígenes Lessa. O diretor era o Tenente Caneppa. Com a anistia após a vitória getulista sobre os constitucionalistas, o Lazareto voltou a ser apenas uma prisão normal.

No período da Segunda Guerra Mundial, o Lazareto, então **Colônia Penal Candido Mendes**, foi reformado no ano de 1940 e passou a receber os presos que estavam na Colônia Penal de Dois Rios. Aquela prisão destinava-se agora somente aos prisioneiros de guerra. Em 1962, durante o Governo Carlos Lacerda (1960-1965), a prisão foi desativada e demolida no ano seguinte. Restam hoje apenas uma galeria e o aqueduto.

A **Colônia Correcional de Dois Rios** foi criada em 1894 e instalada oficialmente em 1903, para afastar dos centros urbanos bêbados e vagabundos - "presos comuns". Ao longo da história a Colônia passou por inúmeras reformas, que lentamente a foram transformando em uma prisão de altos muros, de fuga muito difícil. Na década de 1940 passou a se chamar **Colônia Penal de Dois Rios**.

Durante a ditadura militar, já como **Instituto Penal Candido Mendes**, os "presos comuns" ocupavam o térreo, o primeiro e o terceiro pisos do edifício central. Os "presos políticos" ficavam em um regime ainda mais fechado, no segundo piso.

Foi nesse Instituto Penal, considerado de segurança máxima, que nasceu o Comando Vermelho, em 1979. A partir do convívio entre presos políticos e assaltantes de bancos, algumas facções criminosas passaram a se organizar de forma a se fortalecerem internamente e, em seguida, alcançar maior visibilidade e poder, iniciando uma nova página na construção da violência urbana no país. Seis anos depois, em 1985, foi realizada a mais espetacular fuga da Ilha Grande: José Carlos Encina, conhecido como "Escadinha", líder do Comando Vermelho, fugiu do presídio em um helicóptero.

A história das instituições carcerárias entrelaça-se com a história política e dos direitos civis do país. Entre os "presos políticos" que estiveram na Ilha Grande, além de Orígenes Lessa, por ter participado da Revolução Constitucionalista de 1932, podemos citar Graciliano Ramos, em 1935, acusado de ser comunista, bem como Agildo Barata e muitos outros líderes do Partido Comunista; Nelson Rodrigues Filho e diversos membros de partidos políticos de esquerda que lutaram contra a ditadura militar de 1964. Orígenes Lessa e Graciliano Ramos deixaram importantes obras literárias relatando a experiência desumana que sofreram nos cárceres da Ilha Grande.

Ainda no século XX o complexo penal da Ilha Grande sofreu duas grandes demolições: em 1962 o antigo Lazareto foi demolido por ordem do Governador Carlos

Lacerda e, em 1994, a cena se repetiu, desta vez em Vila Dois Rios. No ano de 1993 o Instituto Penal Cândido Mendes foi desativado e, em abril de 1994, parcialmente implodido por ordem do então Governador Leonel Brizola.

Com a desativação das instalações carcerárias, a Ilha Grande tornou-se um importante pólo turístico, vista a privilegiada localização entre e próxima a dois centros urbanos extremamente desenvolvidos – Rio de Janeiro e São Paulo. A atividade turística rapidamente se tornou a base da economia local, atraindo cerca de 120 mil visitantes por ano. Esse fluxo, porém, vem ocorrendo de forma acelerada e desordenada, o que resulta em graves ameaças à preservação da natureza, história e cultura da região.

Foi nesse contexto que, em 1994, o Governo do Estado do Rio de Janeiro concedeu à Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ - as áreas anteriormente ocupadas pela Colônia Penal Cândido Mendes na Vila Dois Rios. De acordo com o Termo de Cessão de Uso nº 21, de 18/10/1994, a UERJ passou a ser cessionária das antigas instalações e benfeitorias remanescentes das extintas colônias penal e agrícola ali existentes. Este termo previa as implantações de um centro de estudos e de um museu que buscassem preservar e dinamizar os vários aspectos que envolvem a memória e o ecossistema da Ilha Grande.

A UERJ na Ilha Grande

A UERJ iniciou suas atividades na Ilha Grande logo em 1995, quando começaram a ser desenvolvidos os primeiros projetos de pesquisa em ecologia e biologia de moluscos. Em 1998, a Universidade, atendendo aos dispositivos legais, inaugurou a sede do **Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável** - CEADS, construída com recursos da própria UERJ e da **Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior** - CAPES. O CEADS tem como objetivo promover o ensino para alunos de graduação e pós-graduação, a pesquisa e o desenvolvimento científico, atividades de extensão e projetos que visam ao desenvolvimento sustentável da Ilha.

No que tange à pesquisa, preservação e comunicação da memória e da cultura da Ilha Grande, foi proposta a criação do Ecomuseu Ilha Grande, com suas quatro unidades básicas:

Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente, Parque Botânico e **Centro Multimídia** (figura 3).

Figura 3. Apresentação esquemática das unidades do Ecomuseu Ilha Grande.

O Ecomuseu Ilha Grande: ações e perspectivas.

O Ecomuseu Ilha Grande tem como seus principais objetivos o desenvolvimento de ações e atividades voltadas à preservação, investigação e comunicação de questões relacionadas ao meio ambiente, à história e à vida sociocultural da ilha.

Como apresentado na literatura especializada, o conceito contemporâneo de ecomuseu segue os atuais paradigmas científico-filosóficos que definem a instituição museu em oposição ao modelo tradicionalista cartesiano. Dois principais aspectos devem ser observados em sua concepção: a *preocupação ecológica* e a *participação da comunidade* local, sendo a população onde este se encontra considerada fundamental para a formulação, execução e manutenção do mesmo.

Figura 4. Biblioteca comunitária. Instalada na sede do Ecomuseu. Junho/Julho 2010.
Fonte:Acervo Ecomuseu.

Por definição, um ecomuseu constitui-se a partir do entrelaçamento de diferentes forças sociais colocadas em movimento, operando com uma noção de território e um conceito de patrimônio integral, historicamente determinados. Este conjunto museal articula-se a uma perspectiva de desenvolvimento sócio-ambiental que tem vínculos estreitos com as comunidades locais.

Como uma unidade universitária, o Ecomuseu está voltado ao desenvolvimento de pesquisas que articulam o ensino em diferentes níveis e às atividades de extensão, promovendo a integração não só da vida universitária com a sociedade, mas também dos saberes universitários e não-universitários tratados simetricamente, passando a ter um grande poder transformador na própria vida universitária, ao que é possível acrescentar nas próprias formas de produção de conhecimento, o que Boaventura de Souza Santos chama de "ecologia de saberes" e Edgar Morin da construção do "paradigma da complexidade".

Com o apoio do CEADS/UERJ e da **Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro** - FAPERJ foi inaugurado, em junho de 2009, o primeiro módulo do Ecomuseu Ilha Grande: o Museu do Cárcere.[3]

[3] Mesmo antes da inauguração dessa unidade pioneira, o Ecomuseu já atuava com as comunidades da Ilha Grande, por intermédio de sua primeira atividade sistemática: o **Curso de Formação de Ecomonitores**. Com metodologia baseada em módulos mensais de 30 horas cada, o curso proporcionou à população meios para que fosse capaz de realizar atividades não danosas ao meio ambiente e que, ao mesmo tempo, possibilitassem seu desenvolvimento sócio-econômico. Somando-se ao curso, a equipe do Ecomuseu deu andamento a atividades de arte-educação, tais como **Ecomuseu entre linhas** e **Ecomuseu nas ondas do mar**, visando a integração da população da Ilha e o incentivo à leitura através de contação de histórias, atendimento na biblioteca, dentre outros.

No intuito de dar prosseguimento às atividades e ações em perspectiva, o Ecomuseu participou de vários editais de financiamento de projetos, no âmbito federal e estadual, sendo contemplado em quatro editais da FAPERJ. Em comum, as propostas aprovadas buscavam a recuperação das instalações, algumas delas em precário estado de conservação, tais como os prédios do Museu do Meio Ambiente e do Centro Multimídia, bem como garantir condições mínimas aos espaços já em funcionamento, como o Museu do Cárcere, a Biblioteca Comunitária, o alojamento e a sede do Ecomuseu, de modo a ampliar sua atuação junto a pesquisadores, comunidade local e visitantes em geral, articulando atividades de pesquisa e extensão.

Edificação destinada a abrigar o Museu do Meio Ambiente.
Fotos: Junho/Julho 2010. Acervo Ecomuseu.

Edificação destinada a abrigar o Centro Multimídia.
Fotos: Junho/Julho 2010. Acervo Ecomuseu.

Edificações onde está instalado o Museu do Cárcere.

Edificação onde funcionava o corpo da guarda e a entrada do presídio. A unidade **Museu do Cárcere** funcionando nos espaços da antiga padaria e do antigo prédio da guarda, principal entrada da antiga penitenciária.
As atividades incluem visitas guiadas e avulsas, além da preservação do acervo do museu.
Fotos Junho-Julho de 2011. Acervo Museu do Cárcere.

Outro projeto aprovado e desenvolvido com o apoio da FAPERJ, o **Ecomuseu Recicla: alternativas para o desenvolvimento sustentável da Vila Dois Rios, a partir do artesanato consciente**, tem por objetivo a realização com os moradores da Vila Dois Rios de oficinas capazes de proporcionar aprendizagem e valorização de aspectos relacionados à importância da coleta seletiva de resíduos sólidos, como forma de preservação ambiental, como fonte alternativa de renda e de identidade cultural.

Edificação Sede do Ecomuseu.
Fotos: Junho/Julho 2011. Acervo Ecomuseu.

Esta edificação abrigou no início das atividades da UERJ na Vila Dois Rios a escola pública da Vila Dois Rios e atualmente é a **sede do Ecomuseu Ilha Grande**. Recentemente incorporada ao Ecomuseu, esta unidade necessita de obras e reparos que a adéqüem de modo a poder receber as atividades de gestão do museu, embora ali estejam implantados a Biblioteca Comunitária e o Projeto Ecomuseu Recicla.

O apoio financeiro recebido nesses editais é de grande importância ao desenvolvimento dos projetos propostos. No entanto, ainda não é suficiente para o ideal funcionamento das unidades do Ecomuseu, sobretudo, para a recuperação estrutural desses imóveis e o desenvolvimento das atividades de pesquisa em sua plenitude.

A previsão de melhorias no acesso à Vila Dois Rios e de revitalização da Vila de Abraão, bem como o aumento dos investimentos e da infra-estrutura da Baia de Angra dos Reis, em função do Programa Pré Sal, investimento do s governos federal e estadual, terá como conseqüência o aumento do numero de pesquisadores e visitantes à região cada dia mais intenso desde 1994, quando ocorreu a implosão dos presídios e a área foi aberta à visitação pública.

Na medida em que o Ecomuseu é um dos mais importantes equipamentos culturais da Ilha Grande, a reforma e adequação de suas unidades tornam-se fundamentais para a preservação da memória, história e ecossistema da Ilha. Cabe às unidades do Ecomuseu trabalhar, em parceria com a comunidade local, na pesquisa, preservação e comunicação dos recursos naturais e ambientais da Ilha, considerando a forte relação com os aspectos culturais e históricos, a ecologia dos saberes.

Para atender a seus objetivos têm sido realizadas obras de infraestrutura, contratação de pessoal e aquisição de equipamentos nas unidades museológicas do Ecomuseu Ilha Grande

de modo a impedir a ruína das antigas instalações, já bastante danificadas, e adaptar esses espaços para a realização das atividades previstas. Ao criar condições de funcionamento, o museu torna-se campo de pesquisas múltiplo, abrangendo como objeto de estudo o território da Ilha Grande, com sua fauna, flora, rios, mar, os processos antrópicos, histórias e memórias da população local, dentre outros.

Observa-se assim que várias são as ações a serem realizadas, entretanto há um foco específico, e todas as ações estão vinculadas a esse foco: adequar as instalações da UERJ na Vila Dois Rios com vistas à conclusão da instalação do Ecomuseu Ilha Grande e auxiliar as pesquisas já em desenvolvimento.

O Ecomuseu Ilha Grande e suas unidades representam o presente e o futuro da UERJ. Promove a articulação entre pesquisa, ensino e extensão, com presença significativa e interesse crescente de pesquisadores - sobre o sistema prisional, sobre a comunidade de Vila Dois Rios, sobre a cultura local, sobre o meio-ambiente - tanto da UERJ como de outras instituições nacionais e estrangeiras, de alunos das escolas da região e de turistas. Neste sentido, constata-se um volume significativo e ascendente de trabalhos voltados para os temas abrigados no Ecomuseu, nas áreas de História, Antropologia, Sociologia, Artes, Educação, Engenharia, Botânica e Biologia.

No presente, professores-pesquisadores coordenam os núcleos do Ecomuseu e promovem a articulação com grupos e linhas de pesquisa de toda a UERJ, em especial com o PPGARTES – Programa de Pós-graduação em Artes, na linha de Arte, Cognição e Cultura -, com o PPGHS - Programa de Pós-Graduação em História Social, na linha Território, Movimentos Sociais e Relações de Poder -, com o PEAMB – Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental – e o PGBV – Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal. Nesses programas estão sendo formados jovens pesquisadores através de orientação voltada para objetos e temáticas relacionadas às unidades do Ecomuseu. Além dos professores-pesquisadores desses programas, existem importantes pesquisas sendo realizadas em outros programas da UERJ que se somam direta ou indiretamente ao campo de interesse do Ecomuseu..

Em síntese, a presente comunicação: ECOMUSEU: ECOLOGIA DE SABERES, buscou expressar a potencialidade do Ecomuseu Ilha Grande como catalisador de diferentes

campos de conhecimento, de dentro e de fora da universidade, bem como sua capacidade de articulação desses diferentes campos através dos programas de pós-graduação da UERJ e seus pesquisadores. Seu evidente caráter multidisciplinar e o escopo multiusuário para a utilização de equipamentos sob sua responsabilidade reforça o papel institucional que tem a desempenhar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e sua função junto aos interesses e desafios da sociedade fluminense.

Bibliografia

ADORNO, Sérgio. **Sistema penitenciário no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n.9, mar, 1991;
ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. **Compêndio da legislação e estrutura do Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ/PUBLIT, 2009;
_____. **Sistema penitenciário: Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: FAPERJ/PUBLIT, 2009;
AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho**: a história secreta do crime organizado. Rio de Janeiro: Record, 1994;
_____ **CV-PCC**: a irmandade do crime. Rio de Janeiro: Record, 2003;
BOTANIC Gardens Conservation International. 2010. *BGCI:* **The global network** http://www.bgci.org/global/. *On line* em 29 de setembro de 2010;
COELHO, Edmundo Campos. **A oficina do diabo e outros estudos sobre criminalidade.** Rio de Janeiro: Record, 2000;
IDHEA – *Instituto para o Desenvolvimento da Habitação Ecológica* – www.idhea.com.br;
LIMA, Ricardo Gomes. *Estética e gosto não são critérios para o artesanato*. **Artesanato, produção e mercado**: uma via de mão dupla. São Paulo: Programa Artesanato Solidário, 2002;
_____*Artesanato de tradição: cinco pontos em discussão*.**Olhares itinerantes**: reflexões sobre artesanato e consumo de tradição. São Paulo: Central ArteSol, 2005;
_____ **Objetos**: percursos e escritas culturais. São José dos Campos / SP: Centro de Estudos da Cultura Popular; Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2010;
LIMA, William de Souza. **400 contra 1**: a história do Comando Vermelho. 2ª. ed. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001;
MAIA, Clarissa Nunes [et all]. **História das prisões no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. v. 1 e 2;
MAY, Simone. **Estudo da viabilidade do aproveitamento de água de chuva para consumo não potável em edificações**. Dissertação do Mestrado em Engenharia Civil. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade do São Paulo. 2004;
Mayo, S. 2010. *Jardins Botânicos Reais de Kew e a capacitação em biodiversidade*. **Ciência & Cultura** *62*: 38-41;
MELOSSI, Dario e PAVARINI, Massimo. **Cárcere e fábrica** – as origens do sistema penitenciário (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: Revan/ICC, 2006;
OLIVEIRA Netto, E.W. **Telhados verdes para habitações de interesse social: retenção das águas pluviais e conforto térmico**. Dissertação de Mestrado, Programa de Engenharia Ambiental. Rio de Janeiro: PEAMB/UERJ.2009;
REDE Brasileira de Jardins Botânicos. 2001. **Normas Internacionais de Conservação para Jardins Botânicos**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 112p;
SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Os porões da República**: a barbárie nas prisões da Ilha Grande: 1894-1945. Rio de Janeiro: Garamond, 2009;

SILVEIRA, André L. L. da. *Ciclo Hidrológico e Bacia Hidrográfica*. In: TUCCI, CARLOS E. M. (Orgs.), **Hidrologia, ciência e aplicação**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001;
TECNIK - **Gerenciamento Sustentável da Água de Chuva** – www.agua-de-chuva.com.
TOMAZ, Plínio. **Aproveitamento de água de chuva**. 1. ed. São Paulo: Navegar Editora,2003;
WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;
_____ **Punir os pobres**: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. 3ª. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia / Editora Freitas Bastos, 2007;
XAVIER, T.F. **Do território do cárcere ao território da proteção da natureza**: conflitos no Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Geografia, UERJ. 2009.